

**EPIDEMIA DO PÉ-VERDE E O PATRIMÔNIO CULTURAL**

No dia 17 de agosto, o Brasil comemorou o dia nacional da preservação do seu Patrimônio Cultural. Neste país sem memória e que pouco tem a comemorar nesse aspecto, os catarinenses são conhecidos como barrigas-verdes. A palavra vem de uma expressão usada inicialmente em tom pejorativo aos soldados da província de Santa Catarina devido à sua vestimenta, mas que pegou e passou a ser usada com orgulho. Verde também é a cor da Francana, a esmeraldina, o time de futebol da cidade e que já foi presidido no passado pelo atual prefeito da cidade Gilson de Souza, do mesmo partido (DEM) do Bornhausen, do Agripino Maia, ACM Neto, o partido com maior volume de políticos cassados por corrupção.

Agora, um novo termo surge e será objeto de preservação no futuro, o pé-verde. Não se sabe bem porque (nem a Vigilância Sanitária deu explicações), mas a epidemia de pé-verde que começou a grassar por toda a cidade coincide com o governo de Gilson de Souza. Começou timidamente, mas depois o ritmo acelerou e a epidemia se expandiu. Em minhas caminhadas pela cidade, passei a observar que o pé-verde está se espalhando descontroladamente e não está sendo combatido de forma adequada pelos órgãos que deveriam proteger o patrimônio cultural, o CONDEPHAT municipal e o Ministério Público.

O primeiro sinal da infestação foi na Praça de Nossa Senhora da Conceição, a principal da cidade. Os bancos que estão lá foram doados por famílias e empresas no final dos anos 50, quando o prefeito Onofre Gosuen fez uma grande reforma na praça que destruiu o traçado anterior, de feições afrancesadas para um desenho rígido, geometrizado. De lá para cá, ocorreram algumas alterações pequenas, a maior em 2001, mas que preservou os bancos antigos. A praça atualmente está em mau estado de conservação, pedras portuguesas do piso se soltando, o paisagismo mambembe, a limpeza deixando a desejar, camelôs invadindo área pública, o velho Relógio do Sol (um dos símbolos de Franca) arrebitado e esperando um restauro que está demorando mais que deveria.

Mas o pé-verde não se importou com nada disso. A praça amanheceu com todos os pés dos bancos pintados de verde e os assentos de cor de burro fugido, que tapou os nomes dos benfeitores que os doaram, uma falta de modos inacreditável e desrespeitosa. Pensei que tinha sido só na praça. Mas a epidemia está indo longe. No canteiro central da Avenida Major Nicácio (atrás do IETC), onde repousa tombado como patrimônio cultural um bebedouro metálico para cavalos colocados pela municipalidade no início do século XX, fundido na Inglaterra da Rainha Vitória, foi pintado de... verde. Ferro fundido pintado com látex verde. Os pés dos bancos do ponto de ônibus do Museu Histórico (que está literalmente caindo aos pedaços) também foram pintados de verde. Na praça do cemitério, a velha fonte foi atingida também. Pés-verdes foram vistos na Praça da Capelinha.

Enfim, a situação é séria. Se a epidemia se prolongar, teremos a maior área verde da terra sem termos plantado uma árvore sequer. Pensando bem, acho que não. A tinta é tão vagabunda que não sobreviverá às chuvas do próximo verão, como não sobreviveu o Relógio do Sol.

Mauro Ferreira é arquiteto